

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUCILENE PEREIRA SANTOS FERNANDES

**MULHERES NO ENFRENTAMENTO DE DIFICULDADES PARA GARANTIR
A PERMANÊNCIA E A INTEGRALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA**

**TERESINA – PI
2021**

LUCILENE PEREIRA SANTOS FERNANDES

**MULHERES NO ENFRENTAMENTO DE DIFICULDADES PARA GARANTIR
A PERMANÊNCIA E A INTEGRALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia,

Orientação: Profa. Esp. Maria do Socorro da Costa Machado.

TERESINA – PI

2021

LUCILENE PEREIRA SANTOS FERNANDES

**MULHERES NO ENFRENTAMENTO DE DIFICULDADES PARA GARANTIR
A PERMANÊNCIA E A INTEGRALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Teresina, 23 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Maria do Socorro da Costa Machado
Orientadora (UESPI)

Profa. Dra. Valdirene Gomes de Sousa
Examinadora (UESPI)

Profa. Ma. Dalva Stella Ferreira Dantas
Examinadora (UESPI)

F363m Fernandes, Lucilene Pereira Santos.

Mulheres no enfrentamento de dificuldades para garantir a permanência e a integralização na formação universitária / Lucilene Pereira Santos Fernandes. – 2021.

40 f.

Monografia (graduação) – Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí, *Campus Poeta Torquato Neto, Teresina-PI*, 2021.
“Orientadora: Prof.^a Esp. Maria do Socorro da Costa Machado.”

1. Mulheres. 2. Desafios. 3. Formação Universitária. I. Machado, Maria do Socorro da Costa. II. Título.

CDD 378.125

Dedico este trabalho aos meus pais
Francisco de Sousa Santos e Luiza
Pereira, ao meu irmão Francisco de
Paulo, todos (*in memorian*), ao padre
Estevam também (*in memorian*), pois
com eles aprendi o verdadeiro
sentido da humildade.

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas a quem preciso agradecer e o medo de esquecer alguém é grande, mas sem dúvida o primeiro é a Deus, por possibilitar a realização de mais um sonho. A Ele, toda a gratidão por ser o caminho e o refúgio nos momentos de incertezas.

A minha família, principalmente, aos meus pais Francisco de Sousa e Luiza Pereira (*in memoriani*) por terem me ensinado os verdadeiros significados do trabalho digno e honesto, aos meus irmãos pela dedicação e preocupação contribuindo para que eu pudesse trilhar esse caminho tão difícil e ao meu irmão Francisco de Paulo (*in memorian*) pelo exemplo de humildade e caridade.

As minhas filhas Ranna, Ruana e Lanna, ao meu netinho Davi Luís por ser uma criança tão meiga, carinhosa e que desde cedo já sabe o sentido da humildade por compreender seus pais e sempre está conformado com aquilo que lhe é permitido; e ao meu esposo Celson, por todos terem dividido comigo cada momento de alegria e dificuldade nesse percurso e nunca me deixaram fraquejar e desistir.

Aos meus genros Eraldo Melo e Allef Morais por compreender a minha falta de atenção em algumas vezes que me visitaram; ao Josi Albuquerque pelos incentivos, conselhos e ajuda com recursos tecnológicos para que eu pudesse realizar minhas atividades acadêmicas.

A minha comadre Luciana Lima, pelo incentivo e motivação; à minha amiga Francisca Dias pelos momentos que contribuiu com sua sabedoria sempre que precisei; à Elizandra Brandão, colega de turma e amiga por seus conselhos e puxões de orelha, quando foi necessário, para que eu conseguisse superar os obstáculos. Agradeço ao meu grupo de trabalhos acadêmicos, composto por Eli, Iranilda, Taciane e Walysson, por nunca me deixarem desistir do curso nos momentos de dificuldades.

Aos meus professores que sempre tiveram dispostos a contribuir para um melhor aprendizado, em especial à minha orientadora Maria do Socorro da Costa Machado a quem devo muita gratidão não apenas por seus ensinamentos, mas por suas ações e atitudes humanas; às professoras Conceição Mendes, Dalva Stella e Osmarina pelo carinho e contribuição quando mais precisei.

Às Professoras Lidenora e Valdirene pela paciência em me orientar para que eu pudesse melhor desenvolver minha pesquisa. Agradeço ainda a Professora Josenildes por sua disponibilidade em me atender sempre que busquei sua ajuda, não só com assuntos inerentes a sua disciplina, mas até mesmo dúvidas relacionadas a assuntos acadêmicos de modo geral. Enfim, venci uma grande batalha, agradeço a todos que estiveram ao meu lado em todos os momentos.

*Uma mulher não se intimida com quem não acredita
na sua força, apenas mostra que pode com maestria.*

Marianna Monroe

RESUMO

O reconhecimento da mulher como sujeito de direitos ganhou uma maior visibilidade a partir do movimento feminista, quando as mesmas passaram a conquistar vários espaços na sociedade, especialmente nas universidades. No entanto, se é fato que as leis garantem à homens e mulheres direitos que são considerados universais nas sociedades contemporâneas, a rotina de homens e mulheres ainda é bastante diferenciada por conta de resquícios de fundamentos patriarcais que atribui aos gêneros status não só diferentes mas também desiguais. Considerando o problema de como fazem as estudantes (mães e donas de casa) frente aos desafios acadêmicos e domésticos na sua trajetória no ensino superior e quais as estratégias utilizadas para permanecerem e integralizarem o curso universitário, buscou-se alcançar o seguinte objetivo: analisar os desafios vivenciados por estudantes (mães e donas de casa) no ensino superior e suas estratégias de articulação das dimensões domésticas e acadêmicas para permanecerem e integralizarem o curso universitário. A metodologia utilizada pautou-se em uma abordagem de cunho qualitativo, sendo os dados coletados por de entrevista semiestruturada. O universo da pesquisa foi o *Campus* de uma universidade pública, localizado na cidade de Teresina-PI, contando-se com 4 (quatro) estudantes dessa universidade que colaboraram com a pesquisa socializando suas vivências como mães, donas de casa e universitárias. Alguns autores baseiam a presente monografia, como: Pinto (2003) que se reporta à contribuição histórica de algumas protagonistas do movimento feminista no Brasil; Guedes (2018) que expõe sobre a presença feminina nos cursos universitários, desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino; Silveira (2012) com a temática da Assistência Estudantil no Ensino Superior; Yannoulas (2013), sobre as mulheres, mães e estudantes e o imperativo de construírem estratégias para conciliarem suas tarefas; assim como Gil(2012) e Bardin(2016) que contribuíram para o percurso metodológico e análise dos dados. Destaca-se como principais resultados relativos às três categorias analisadas: **dificuldades enfrentadas pelas colaboradoras** – como principal dificuldade: conciliar suas obrigações domésticas, maternas e estudantis; **estratégias das colaboradoras** – acionam uma base de apoio, contando, especialmente, com a ajuda de suas mães; **assistência estudantil** - não existe assistência estudantil específica para as estudantes mães e estas demandam por creches para seus filhos.

Palavras-chave: Mulheres. Desafios. Formação. Universitária.

ABSTRACT

The recognition of women as subjects of rights gained greater visibility from the feminist movement, when they began to conquer various spaces in society, especially in universities. However, if it is a fact that the laws guarantee men and women rights that are considered universal in contemporary societies, the routine of men and women is still quite different due to the remnants of patriarchal foundations that attribute to genders not only different but also different statuses. unequal. Considering the problem of how students (mothers and housewives) do in the face of academic and domestic challenges in their trajectory in higher education and what strategies are used to remain and integrate the university course, we sought to achieve the following objective: to analyze the challenges experienced by students (mothers and housewives) in higher education and their strategies for articulating the domestic and academic dimensions to remain and integrate the university course. The methodology used was based on a qualitative approach, with data collected through semi-structured interviews. The research universe was the Campus of a public university, located in the city of Teresina-PI, with 4 (four) students from that university who collaborated with the research socializing their experiences as mothers, housewives and university students. Some authors base this monograph, such as: Pinto (2003) which refers to the historical contribution of some protagonists of the feminist movement in Brazil; Guedes (2018), who exposes the female presence in university courses, deconstructing the idea of the university as a male space; Silveira (2012) with the theme of Student Assistance in Higher Education; Yannoulas (2013), about women, mothers and students and the imperative to build strategies to reconcile their tasks; as well as Gil(2012) and Bardin(2016) who contributed to the methodological path and data analysis. The main results for the three categories analyzed stand out: difficulties faced by the collaborators – as the main difficulty: reconciling their domestic, maternal and student obligations; collaborators' strategies – they activate a support base, counting, especially, on the help of their mothers; student assistance - there is no specific student assistance for student mothers and they demand day care centers for their children.

Keywords: Women. Challenges. Formation. University.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
2.1	Tipo de pesquisa.....	15
2.2	Local de pesquisa.....	15
2.3	Colaboradoras da pesquisa.....	17
2.4	Instrumento de pesquisa.....	18
2.5	Organização dos dados.....	18
3	UM RECORTE DE GÊNERO: MULHER, MÃE, DONA DE CASA E ESTUDANTE.....	19
3.1	A luta da mulher na sua interface com o feminismo.....	19
3.2	Enfrentando desafios.....	21
3.3	Estratégias traçadas para superar as dificuldades no processo de formação acadêmica.....	23
3.4	Políticas de assistência estudantil nas IES's: existe recorte de gênero?.....	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS COLABORADORAS.....	
	APÊNDICE B - RESPOSTAS DAS COLABORADORAS RELATIVAS À SUA IDENTIFICAÇÃO.....	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade procurar compreender a problemática das estudantes (mães e donas de casa) frente às dificuldades e estratégias para integralizar sua formação universitária bem como tratar do entendimento e garantia das políticas educacionais voltadas para essas estudantes.

Falar das mulheres (donas de casa e mães) na formação superior se torna desafiador e ao mesmo tempo emblemático, pois já que muitos são os desafios encontrados por elas, que buscam incessantemente estratégias para driblá-los. Desde os primórdios a vida da mulher é totalmente diversa das dos homens, visto a diferença de gênero imposta pela própria sociedade.

A trajetória da mulher brasileira nos últimos séculos demonstra pouca ou quase nenhuma participação no contexto educacional, ela sempre foi vista como aquela que nasceu para executar tarefas domésticas. No período colonial existiu uma tímida participação da mulher. Já no século XIX, nas escolas públicas mistas, as mulheres casadas e mães necessitavam da autorização do marido para dar eficácia dos seus atos.

Na caracterização e reconhecimento dos direitos das mulheres, existem sim, fatos e casos de violência e maus-tratos praticados contra as mesmas, que acabam se resignando a toda essa situação e adaptando-se à falta de oportunidade por, em muitas ocasiões, não possuírem instrução ou por não se apropriarem de conhecimentos que as possibilitem uma colocação no mercado de trabalho.

Diante dessa realidade, em que por um lado temos a garantia dos direitos da mulher legalmente constituídos e do outro um estado que de forma plena não garante e nem faz valer suas leis por submissão às pressões do sistema financeiro (capitalismo), faz-se necessário um questionamento sobre a vida dessas mulheres por fazerem valer seu direito de estudarem. No entanto, sabe-se que enfrentam muitos desafios para alcançarem seus objetivos educacionais, especialmente, quando se trata da formação universitária.

Considerando o exposto, apresenta-se a seguinte problemática: Como fazem as estudantes (mães e donas de casa) frente aos desafios acadêmicos e domésticos na sua trajetória no ensino superior e quais as estratégias utilizadas para permanecerem e integralizarem o curso universitário?

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os desafios vivenciados por estudantes (mães e donas de casa) no ensino superior e suas estratégias de articulação das dimensões domésticas e acadêmicas para permanecerem e integralizarem o curso universitário.

Os objetivos específicos são; identificar os desafios encontrados pelas estudantes para integralizarem seus estudos no curso universitário: pontuar estratégias traçadas pelas mulheres (mães e donas de casa) para superar as dificuldades no decorrer da sua formação universitária; e, apresentar a política educacional da universidade para garantir às mulheres (mães e donas de casa) o direito a integralização do seu curso superior.

A motivação para trabalhar essa temática surgiu da vivência dessa acadêmica numa faculdade onde a mesma, assim como outras estudantes (mães e donas de casa) enfrentaram dificuldades e tiveram de traçar diversas estratégias para concluir o curso, no percurso de quatro anos, foi possível constatar a partir de relatos de algumas estudantes a difícil decisão de abdicar de emprego e do aconchego da família em prol da realização da tão almejada formação universitária.

Justifica-se o presente trabalho nas dificuldades enfrentadas pelas mulheres (mães e donas de casa) para obter a realização do sonho de graduação em várias Universidades do Brasil. Os estigmas sociais que vêm preestabelecidos desde a época antiga afloram quando essas mulheres decidem fazer parte da sua própria história e decidem mudar de vida. O sonho da graduação é desejo de muitas, porém com as dificuldades do dia a dia dessas mulheres (mães e donas de casa) chega de certa forma a inviabilizar o sonho de muitas delas. Nesse contexto desigual e marcado por preconceitos, surge a necessidade de políticas públicas que contribuam com o processo de formação da maioria das mulheres dentro das universidades.

Após a Constituição Federal de 1988, estabelece que a mulher possa conquistar cada vez mais espaços como forma de recompensa de décadas de lutas na consolidação dos seus direitos. Dentro dessas conquistas, as mulheres vêm conquistando e garantindo sua participação nas instituições de educação e conquistando seu espaço no contexto social.

A importância dessa temática é contribuir de maneira positiva para o conhecimento teórico da comunidade acadêmica, fazendo um recorte sobre a realidade de estudantes de dois cursos da UESPI, tendo ainda a oportunidade de contribuir para novas possibilidades de estudos dessa abordagem. Na conjuntura em

tela, existe a necessidade de suscitar a reflexão sobre as políticas educacionais diante dos desafios e das dificuldades das mulheres (mães e donas de casa) na luta pela integralização do curso superior. Nessa perspectiva percebe-se a necessidade de uma sistematização na realização e desenvolvimento dessa temática de maneira a contribuir para um embasamento teórico e o crescimento profissional ao investir frente a essa realidade, visando a transformação do contexto educacional no qual está inserido cada segmento dessas mulheres.

A metodologia adotada foi através de pesquisa de campo, de cunho qualitativo com base bibliográfica. O local de pesquisa ocorreu em um *Campus* da Universidade Estadual do Piauí, localizada na cidade de Teresina-PI, contando com 4 (quatro) sujeitos de pesquisa, estudantes da própria Universidade. Os dados foram coletados por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado elaborado com base nas referências citadas no referencial teórico. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para análise. Cada uma teve duração de aproximadamente 45 minutos. As entrevistadas foram denominadas por nomes fictícios, atribuídos por elas próprias.

Alguns dos autores baseiam a presente monografia como: Pinto (2003) que se reporta à contribuição histórica de algumas protagonistas do movimento feminista no Brasil; Guedes (2018) que expõe sobre a presença feminina nos cursos universitários, desestruturando a ideia da universidade como espaço masculino; Silveira (2012) com a temática da Assistência Estudantil no Ensino Superior; e Yannoulas (2013), sobre as mulheres, mães e estudantes e o imperativo de construírem estratégias para conciliarem suas tarefas; assim como Gil(2012) e Bardin (2016) que contribuíram para o percurso metodológico e análise dos dados.

O presente trabalho é estruturado da seguinte forma: inicialmente são demonstrados os procedimentos metodológicos divididos por sub-tópicos como o tipo de pesquisa, local de pesquisa, sujeito da pesquisa e o instrumento da pesquisa. Posteriormente foi apresentado o referencial teórico com recorte de gênero, ou seja, foram analisados os desafios apresentados pelas mulheres, bem como as estratégias traçadas por estas para superarem as dificuldades no processo de formação acadêmica; como também as políticas de assistência estudantil nas Instituições de Ensino Superior (IES), sendo questionado se existe realmente uma política de assistência estudantil com recorte gênero. Por último, tem-se a apresentação e análise dos dados e as considerações finais relativas ao presente trabalho, em que

são sistematizados os principais achados da pesquisa considerando o alcance dos objetivos à luz das referências utilizadas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresenta-se os procedimentos metodológicos utilizados para nortear a pesquisa, estando dividido em quatro tópicos onde são apresentados os tipos de pesquisa, o local, os sujeitos (colaboradores da pesquisa), apresentados em um quadro e dividido em categorias como nome, idade, número de filhos, curso, campus, turno, profissão e o estado civil. Por último tratar-se sobre os instrumentos da pesquisa.

2.1 Tipo de pesquisa

Levando-se em conta o objetivo proposto que discorre sobre a temática das mulheres no enfrentamento das dificuldades para garantir a permanência e a integralização na formação universitária, considerando os desafios encontrados por elas nesse processo, em seus estudos no curso universitário, e pontuando as estratégias traçadas pelas mulheres (mães e donas de casa) para superarem as dificuldades no decorrer da sua formação universitária, o presente trabalho foi elaborado através do estudo de referências e pesquisa de campo, de cunho qualitativo. O estudo das referências deu-se com leituras de: revistas, livros e artigos científicos que embasaram o estudo em questão

2.2 Local de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em um Campus da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) localizada na cidade de Teresina-Piauí. Com o intuito de ilustrar o entendimento acerca dos cursos de Pedagogia e Biblioteconomia, da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, pontuo um pouco sobre a história da implantação da UESPI e dados relativos aos Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes (CCECA) e Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA).

A Universidade Estadual do Piauí é uma Instituição de Ensino Superior (IES) que tem como missão formar profissionais competentes, éticos, detentores de uma visão crítica reflexiva e humanística acerca da sociedade a que pertencem, a fim de promover uma melhoria da qualidade de vida no âmbito estadual e nacional.

A sede deste estudo fica no Campus Poeta Torquato Neto, onde há o Palácio Pirajá que abriga a Administração Superior Reitoria, Pró-Reitorias, Departamentos e Diretorias. Está localizada na, Zona Norte de Teresina-PI. A UESPI foi instituída pelo Decreto Lei 042 de 9 de Setembro de 1991, sendo uma instituição superior multicampi com unidades em Teresina (dois campi), Picos, Floriano, Oeiras, São Raimundo Nonato, Bom Jesus, Campo Maior, Piripiri e Parnaíba.

Nesse Campus funcionam os cursos de Administração de Empresas, Ciências da Computação, Biblioteconomia, Direito, Comunicação Social-Hab. em jornalismo e Relações Públicas, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Ciências Contábeis, Computação, Ciências Biológicas, Educação Física, Química, Física, Matemática, Letras/Português, Letras/Inglês, Letras /Espanhol, Pedagogia, Turismo, Geografia e História.

Desde sua inauguração a instituição de ensino superior de maior importância do estado passou por inúmeras transformações, reformas e ampliações, com mais de trinta anos de existência.¹

Quanto aos dois Centros, no qual estão inseridos os cursos das estudantes e também egressas, colaboradoras dessa pesquisa, apresenta-se, algumas informações pertinentes à sua estrutura física, cursos e quadro de servidores, observando-se que não obteve-se as informações, quanto ao quadro de servidores do CCSA.

O Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes (CCECA), possui 6(seis) salas de aula, espaço de convivência, laboratório de informática, sala de vídeo, pátios, pracinha, banheiros para estudantes e para servidores (masculino e feminino), sala de professores e brinquedoteca. Possui três cursos: Licenciatura Plena em Pedagogia; Comunicação Social e Jornalismo. As aulas funcionam nos turnos manhã, tarde e noite. Apresenta no seu quadro administrativo: 01diretora e 01 vice-diretora, 01 secretária (servidora efetiva). No curso de pedagogia tem 01 coordenadora, 01 secretário (servidor efetivo)., o curso de pedagogia é composto por 09 blocos.

O Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) possui sala de coordenação de curso, sala da direção do centro, sala do núcleo de pesquisa do curso de Turismo, 01(uma) praça com lanchonetes, área de convivência, 02 (dois) bebedouros; 04

¹ Disponível em: https://www.uespi.br/site/?page_id=25578. Acesso em: 10 mai. 2021.

(quatro) banheiros, sendo 02 (dois) masculinos e 02 (dois) feminino. É composto pelos cursos de Direito, Biblioteconomia, Turismo, Ciências Contábeis e Administração.

2.3 Colaboradoras da pesquisa

Foram consideradas colaboradoras da pesquisa estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia e estudantes do Bacharelado em Biblioteconomia que vivenciam dificuldades para garantirem suas permanências e a integralização na formação universitária, apresentando o quadro 1 (um) informações como nomes, idade, número de filhos, curso, campus, turno, profissão e estado civil.

Quadro 1 – Identificação das Colaboradoras da pesquisa

Nome Questões	Azaléia	Amarílis	Camélia	Calêndula
Idade	41	32	34	32
Nº filhos	2 (14 anos e 20 anos)	2 (3 anos e 9 anos)	2 (14 e uma de 2 anos)	2 (8 anos e 1 ano),
Curso	Bacharelado em Biblioteconomia,	Pedagogia, 7º bloco.	Egressa do curso de Pedagogia.	Egressa de Biblioteconomia
Turno	Tarde	Tarde	Iniciou no turno da noite e no final foi para o turno da tarde.	Tarde
Profissão	Agente Comunitária de Saúde desde 2001	Estudante, no momento não está trabalhando, algumas vezes faz trabalhos artesanais com caixas e mimos para casamentos e aniversários, conforme pedidos.	Auxiliar Administrativa	Trabalha na biblioteca de um sistema penitenciário.
Estado Civil	“Separada” (ainda não legalizou o divórcio)	Teve uma união estável mas agora se encontra Solteira	Casada	Encontra-se no segundo Casamento

Fonte: Dados das entrevistas realizadas pela autora (2021).

As colaboradoras apresentam idade entre 32 (trinta e dois) e 41 (quarenta e um) anos, com filho(os)/filha(as) na faixa etária entre 0 a 15 anos. Destas, duas mantinham vínculo acadêmico com a UESPI no momento da pesquisa, e duas são egressas da UESPI. Os nomes aqui apresentados são fictícios para preservar a identidade das colaboradoras. Atendendo, assim, às perspectivas específicas do estudo, segue quadro apresentando as colaboradoras.

2.4 Instrumento de pesquisa

Os dados foram coletados por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado elaborado com base na obra das autoras citadas no referencial teórico. Para Gil, (2012) a entrevista pode ser definida como uma técnica em que o pesquisador se coloca diante do entrevistado e faz perguntas para obter os dados da pesquisa. Todas as entrevistas foram transcritas para análise. Cada uma teve duração de aproximadamente 45 minutos. As entrevistadas foram denominadas por nomes fictícios atribuídos por elas mesmas. As entrevistas ocorreram de forma remota, por chamada de vídeo do aplicativo whatsapp, por causa da pandemia de COVID-19.

2.5 Organização dos dados

Segundo a pesquisa de Prodanov e Freitas (2013), os dados adquiridos são analisados por meio da análise qualitativa de conteúdo, processo que requer uma série de atividades, incluindo redução, classificação, análise e redação de relatórios. Para Bardin (2016), o processo prossegue por meio de inferências específicas sobre casos ou variáveis precisas.

Primeiro, foi feita uma entrevista em que foram coletadas as informações, e estas foram divididas em três grupos ou categorias que foram dispostas em quadros com os questionamentos e as respostas das entrevistadas. Logo após cada quadro foi feita a discussão e análise dos resultados dos dados coletados.

3 UM RECORTE DE GÊNERO: MULHER, MÃE, DONA DE CASA E ESTUDANTE

O presente capítulo inicia-se abordando sobre a mulher enquanto protagonista do movimento feminista, em seguida trata das dificuldades encontradas pelas mulheres ao longo dos anos para que consigam ter uma formação acadêmica, observando que estas vão para além das dificuldades acadêmicas, como sociais, culturais, financeiras e familiares. Depois são explicadas as estratégias traçadas para superar as dificuldades no processo de formação acadêmica; como a mulher pode conseguir superar todas as barreiras à que são expostas. Por fim é abordada as políticas de assistência estudantil nas IES's, onde o seguinte questionamento é o ponto central do subtópico: existe recorte de gênero nas políticas de assistência estudantil?

3.1 A luta da mulher na sua interface com o feminismo

Ocorreu na Europa um movimento conhecido como Inquisição do Santo Ofício, que perseguia mulheres que praticavam a cura por meio de chás de ervas e outras substâncias. Para os defensores desse movimento, elas eram bruxas, que estavam em desencontro com os dogmas da Igreja Católica (NASCIMENTO, 2009). Ressalta-se que o período da Inquisição ou “Santa Inquisição”, que era uma instituição formada pelos tribunais da Igreja Católica, que como dito anteriormente, penitenciavam, julgavam, perseguiam e matavam aqueles que para eles eram considerados hereges, bruxas, ou seja, qualquer indivíduo que fosse contra ou destoasse dos dogmas impostos pela igreja. Esses tribunais eram chamados de Tribunal do Santo Ofício. As mulheres foram as que mais sofreram perseguições e foram levadas à morte na fogueira.

No entanto, ao longo dos anos as mulheres foram se organizando e expressando suas demandas. Suas lutas foram marcadas por diversos acontecimentos sociais. Com propostas revolucionárias, as mulheres desafiaram e desafiam até os dias atuais a ordem conservadora, em busca de direitos civis e da sua própria libertação, frente à dominação masculina. O movimento feminista no Brasil, que inicia-se na virada do século XIX para o XX, quando as mulheres brasileiras conquistam o direito de votar, foi marcado por múltiplas manifestações e vertentes ao que se refere às questões de classe, raça, etnia e sexualidade (PINTO, 2003).

Destaca-se, que esses conflitos não foram tão pacíficos, e que a batalha pelos direitos das mulheres e a luta para amenizar as desigualdades sociais sempre estiveram interligadas, um dos motivos é que na época do Brasil Colonial e infelizmente nos dias atuais, mesmo que não seja com a mesma intensidade, há uma cultura enraizada de opressão às minorias, isso inclui mulheres, negros, pobres, dentre outros.

A fragmentação e os conflitos de diferentes ordens continuam presentes nas pautas e reivindicações das pessoas que constituem o movimento feminista no tempo atual. No cenário brasileiro, é possível mapear, entre as diversas demandas de movimentos sociais, o sufragista brasileiro liderado por Bertha Lutz no ano de 1920. Trata-se de uma manifestação relacionada à incorporação da mulher, como sujeito de direitos políticos, mediante a participação eleitoral, como candidatas e eleitoras. Referente ao movimento feminista brasileiro, Pinto (2003, p. 28) aponta que “no Brasil, a tendência feminista surgiu no século XIX, tendo como principais reivindicações; o direito ao voto, o de mulheres estudarem e contra a escravidão que existia no país”.

Como citada anteriormente, a primeira grande feminista Brasileira foi Bertha Lutz, uma renomada cientista da área da biologia que morou por muitos anos fora do Brasil, retornando no ano de 1910. Foi responsável por grandes passos no direito ao voto feminino, foi uma importante *sufragete* brasileira, fundou a Federação Brasileira do Progresso Feminino: esta organização fez uma campanha pública, inclusive, promoveu um abaixo-assinado levado ao Senado no ano 1927, em que solicitava a aprovação do Projeto de Lei, elaborada pelo então Senador Juvenal Lamartine onde defendia o direito de voto às mulheres. Esta conquista ocorreu em 1932, com a promulgação do Estado Novo.

Com relação à conquista do direito ao voto no Brasil, Bandeira e Melo (2010) argumentam que, o Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1927, foi o primeiro estado a permitir às mulheres a exercê-lo, todavia os votos de todas as eleitoras foram anulados pela Comissão de Poderes do Senado.

Outra grande feminista brasileira foi a jornalista Josephina Álvares de Azevedo, que nasceu em Itaborahy, no Rio de Janeiro, no dia 05 de março, no séc. XIX, entretanto não se sabe ao certo, o ano em que nasceu (BLAKE, 1970).

Para alguns autores, ela não nasceu no Rio, mas sim em Recife, como defende Souto-Maior (2000) quando argumenta que a própria Josephina, forneceu a informação ao jornal da época, de que nasceu no Estado de Pernambuco. A sua contribuição no movimento foi importantíssima, e poucas mulheres tinham voz, ou

seja, era por vezes silenciada, ela como uma comunicadora dava uma nova abertura para o feminismo no Brasil.

Diante do exposto, faz-se necessário falar sobre o patriarcalismo, que se coloca como forte representação coletiva, marcado por simbologias especialmente judaica-cristã, persistindo ainda nas sociedades contemporâneas como uma manifestação cultural que tem como consequência o machismo. Sobre este termo, Badinter (1986, apud TRAVASSOS, 2003) argumenta que, é toda uma estrutura do poder do homem e não apenas o pai como o homem da casa e 'senhor soberano, ou seja, há uma hierarquia de subordinação, da mulher ao homem, e do jovem ao homem mais velho. Conclui-se, que o machismo é um preconceito de opiniões que é contrário à igualdade de gênero, vê a mulher como um ser inferior, incapaz e abaixo dos homens.

Pombo (2018, p.449) enfatiza que o patriarcado:

Enquanto controle da vida e da descendência exercido pelo pai, foi e ainda vem sendo desmontado pelas lutas e conquistas feministas quando elas colocam no centro dos debates as relações entre pais e filhos, sobretudo no que diz respeito à autoridade paterna, às liberdades de cada gênero, as formas de assujeitamento e de violência – sexual e simbólica – contra as mulheres, as normas da sexualidade e as concepções das subjetivações feminina e masculina

Em função desses arranjos sociais, homens e mulheres não possuem mais uma igualdade social, o homem passa a comandar a mulher, há o surgimento do casamento monogâmico e a obrigação da mulher de casar virgem, para garantir que os filhos que nasceriam, fossem do parceiro, e consideravam as mulheres como fracas, frágeis e inúteis (TEDESCHI, 2008, apud FARÍAS, 2009).

O feminismo surgiu para propor um projeto de sociedade alternativa apresentando como principal objetivo abolir, ou uma transformação profunda, da ordem patriarcal e de seu poder regulador, em nome de confecções de igualdade, equidade, e justiça social.

3.2 Enfrentando desafios

Na formação de algumas sociedades antigas, as mulheres eram consideradas sagradas por gerar filhos e promover a educação deles na cotidianidade presente na época, não havendo, assim, diferença de trabalho, pois as atividades eram divididas igualmente entre todos. Entretanto, com o advento da agricultura e da caça, o homem

percebeu a importância da força bruta no processo de trabalho, absorvendo para si não somente o papel de manutenção da família, mas também o importante dever da reprodução, começando a subordinar as mulheres, considerando-as fracas, frágeis e pouco inteligentes, fato este que contribuiu para a construção de uma sociedade patriarcal e machista (MIRANDA, 2017; STEARNS, 2007). No entanto, apesar de se estar em pleno século XXI, a desigualdade entre homens e mulheres é plenamente perceptível. O que deveria ser visto como trabalhos equivalentes, pois o trabalho dentro de uma casa, cuidando dos filhos que demanda tempos e atenção não é uma prática simples de se fazer continua rebaixado à condição de atividades simples e sem valor algum, como muitos dizem que “a mulher só fica em casa o dia todo”, o que, obviamente é um mero engano.

O fato é que até poucas décadas atrás a mulher vivia apenas para servir ao seu lar, marido e filhos. Elas não possuíam acesso a nenhum direito básico como estudar, trabalhar fora do lar, votar, viajar sem a companhia de seu cônjuge (irmão ou pai) e dentre outros, ou seja, foram ensinadas a obedecer sem questionar e a ouvir sem argumentar. Essas são marcas de sociedade patriarcal, que no dicionário dos estudiosos e psicanalistas Roudinesco e Plon (1998) é definido como uma espécie de sistema político-jurídico em que tanto os direitos como a autoridade sobre os objetos e indivíduos está nas mãos do “homem da casa”, ou seja do marido ou pai, o que fica claro que a mulher não tinha (ou ainda não tem) direito sobre si e seu corpo.

É importante ressaltar que no contexto social brasileiro, ainda encontra-se arraigado vestígios desse modelo patriarcal onde as mulheres nascem para serem mães e cuidadoras do lar enquanto os homens são responsáveis por levar subsídios para seus respectivos lares e manter sua família. Entretanto, com o decorrer dos anos as próprias mulheres através dos movimentos sociais foram desconstruindo esse paradigma cultural, buscando novos espaços.

Pombo (2018, p.449) destaca que:

A contestação da dominação masculina e da autoridade paterna não é algo inteiramente novo. Já se tem notícia de protestos contra o poder abusivo do pai na Revolução Francesa, por exemplo, ou na segunda metade do século XIX, quando a juventude escolarizada se manifestou contra as injustiças no trabalho e o despotismo dos chefes. A partir dos anos 60 do século passado, porém, essa contestação vem acontecendo com mais veemência e a crise do patriarcado ganha força.

Mas, essa busca torna-se por muitas vezes desleal em decorrência da maternidade e suas responsabilidades domésticas. Assim, aquelas que almejam uma

formação profissional dentro das universidades e faculdades acabam encontrando barreiras para a consolidação da sua vida acadêmica por falta de políticas educacionais que contribuam no seu processo de formação.

Yannoulas (2013), destaca que dentro de uma sociedade patriarcal e estruturada dentro de uma conjuntura histórica de predominação masculina e subordinação feminina, as universidades também expressam, uma estrutura inadequada de discriminação de gênero. Assim, inicialmente, à discriminação ocorria devido ao difícil acesso das mulheres ao contexto acadêmico, marcadamente masculino durante muitos anos, mas, na atualidade essa discriminação surge dentro de outros paradigmas.

Esses paradigmas de discriminação segundo a autora dar-se-á por meio das dificuldades que as mulheres (mães e donas de casa) encontram no decorrer da sua formação profissional. Isso está ligado ao fato que elas devem traçar estratégias que auxiliem suas atividades domésticas, as acadêmicas e a incapacidade das políticas educacionais estabelecerem mecanismos que impactem diretamente na vida de milhares de universitárias (YANNOULAS, 2013).

Portanto, são diversos os dilemas que essas estudantes encontram para conciliar a vida do mães/donas do lar com o de universitárias. Muitas vezes elas deixam de fazer as atividades educacionais para cuidar de suas casas, e acontece ao contrário também. A primeira situação é a que mais predomina, visto o que as obrigações domésticas foram por séculos marcadas pela divisão do gênero, o que de forma alguma deveria ser levada em consideração. Há também a frustração das mesmas por não conseguirem fazer com êxito as atividades, visto a tribulação em lidar com tantas questões cotidianas (AGUIAR; PAES; REIS, 2019).

3.3 Estratégias traçadas para superar as dificuldades no processo de formação acadêmica

Pode-se destacar que, atualmente, as mulheres dentro da sociedade brasileira se compõem como maioria dentro do segmento social, isso devido ao condicionamento das mesmas viverem mais, possuírem menos filhos, ocuparem cada vez mais espaço no mercado de trabalho, e na atual realidade serem responsáveis pela criação e desenvolvimento de suas famílias. Quando se trata especificamente do

nível escolar, as mesmas buscam ampliar sua formação educacional, tornando-se maioria na ocupação de vagas dentro das universidades (BARROS, 2014).

Percebe-se que, a mulher de outrora, diverge-se da mulher atual, desde o número de filhos, como a possibilidade de votar, participar e trabalhar no mercado de trabalho e na política, portanto, isso não seria diferente no espaço educacional, as mulheres, hodiernamente, são maiorias nas instituições de ensino superior, buscando cada vez mais o seu espaço.

Contudo, Barros (2014) destaca que as mesmas pagam um preço alto para ultrapassarem os estigmas sociais e alcançarem sua formação universitária. O fato de serem mães, donas de casa e estudantes acarreta uma espécie de sobrecarga física e emocional que por muitas vezes fazem com que parte dessas mulheres abandonem o curso superior.

Com o dia a dia corrido, e a sobrecarga, as mulheres mesmo assim, não se deixam vencer frente aos desafios diários embora muitas encontrem pessoas que as desmotivem, fora os problemas de dentro e fora do lar. Em muitos casos não possuem maridos que as compreendam e que colaborem no enfrentamento desses desafios, o que torna o caminhar mais pesado.

Porém, Guedes (2018), um outro autor que discorre sobre essa relação entre a vida doméstica e os estudos, observa que muitas estudantes (mães e donas de casa) traçam estratégias que viabilizam sua formação profissional conciliando às suas atividades domésticas. É fato, que chega a ser desleal essa atribuição de tarefas apenas para elas, porém, mesmo diante de tantas dificuldades há cada dia que passa aumenta o índice de mulheres na conclusão do curso superior dentro das universidades e consequentemente ocupando melhores lugares no mercado de trabalho.

Essas universitárias, além de enfrentarem o “estigma” de ser mulher, muitas vezes tem um outro obstáculo, a pobreza, o que é a realidade em muitos casos, além de enfrentarem toda a base posta pela sociedade por serem do gênero feminino, a baixa renda é uma constante em suas portas, motivando-as a buscarem uma melhor qualidade de vida através dos estudos. O peso positivo da educação, mesmo árduo, é extremamente positivo, fazendo-as criar estratégias inimagináveis para concluírem seu curso. Vale salientar que muitas desistem, atrasam ou demoram a concluírem seus estudos.

3.4 Políticas de assistência estudantil nas IES's: existe recorte de gênero?

Tratar do entendimento a respeito das políticas educacionais direcionadas às mulheres (mães e donas de casa) é realizar um breve apanhado histórico para compreensão da inserção das estudantes no Brasil. Silveira (2012) destaca que durante a década de 80, do século XX, ocorreu o período de redemocratização do Brasil, desamarrando o país do controle do regime militar. Foi nesse período que iniciou-se a criação das políticas educacionais voltadas às mulheres como também a formação dos Encontros Nacionais de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis e reuniões realizadas pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES).

Nessa conjuntura, tratando-se especificamente da assistência estudantil, ocorreu a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que traz como perspectiva para assistência estudantil a igualdade de condições para o acesso e permanência das mulheres nas Universidades, conquista essa, fruto das grandes manifestações sociais dos grupos feministas (SILVEIRA, 2012).

Silveira (2012) destaca que o sistema educacional brasileiro passa pelo processo de democratização expandindo a permanência das alunas nas universidades, estabelecendo que o Estado possa se comprometer com a oferta de condições concretas para a permanência delas nas instituições de ensino superior.

É válido frisar que a Política de Assistência Estudantil, de acordo com Silva e Barbosa (2018) é a própria política de assistência social enquanto direito e:

Inscreve-se na dinâmica progressista, que veio se instalando como forma de mitigar os efeitos das desigualdades socioeconômicas e culturais, dos discentes oriundos das camadas populares. Suas ações tendem a reduzir os agravos relacionados à inserção social sob os impactos do capital financeiro e as políticas neoliberais (SILVA; BARBOSA, p. 2).

Nas Instituições de Ensino Superior Públicas os discentes originários de famílias de baixa renda precisam de políticas estudantis para garantir-lhe a permanência na universidade pois o custo de manter-se nelas é alto (passagem de ônibus, alimentação, livros, dentre outros itens), e a Política de Assistência Social surge com o intuito de diminuir essas anuências. No entanto, essa política social voltada para estudantes de baixa renda, salvo raras exceções, não tem expressado recorte de gênero, deixando de considerar as especificidades da realidade feminina.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresenta-se os resultados e discussões sobre a temática, pautada em três categorias centrais relativas à estudante mãe e dona de casa: dificuldades enfrentadas para a continuidade/conclusão dos estudos (aqui foi considerada sua rotina); estratégias para conciliar a vida acadêmica à vida doméstica; e, assistência estudantil voltada para a estudante mãe.

Quadro 2 - Dificuldades enfrentadas pelas colaboradoras

Nome Nome Questões	Azaléia	Amarílis	Carmelia	Calêndula
Responsabilidades Domésticas, materna e estudantis	Tenta dar conta das atividades domésticas. Acompanha muito bem a rotina dos filhos .tem pouco tempo para estudar	Gerenciava bem as atividades domésticas, materna e estudantis	Tem uma rotina muito difícil, tentava conciliar as atividades domésticas, cuidar da filha durante o dia e frequentar a universidade a noite	Conciliava a vida doméstica com as responsabilidades maternas e as atividades estudantis sempre ficava em segundo plano
Dificuldades na vida acadêmica por ser mãe	Falta de tempo para estudar e cuidar dos filhos	Maior dificuldade é o tempo, considera limitado o tempo para os estudos	Maiores dificuldades em poder participar dos eventos acadêmicos por conta das obrigações maternais	Falta de tempo Falta de apoio para cuidar dos filhos O cansaço físico e mental
Se houve empecilho em ser mãe e a continuidade dos estudos	.Não .Único empecilho foi a falta de tempo	Sim, a condição de ser mãe foi um grande empecilho para continuar os estudos	Sim, a gravidez dificultou, mas com muita luta consegui prosseguir e concluir o curso	Sim Tive de trancar o curso por dois anos, retornar ao curso foi muito complicado mas consegui terminar com muito sacrifício.

Fonte: Dados das entrevistas realizadas pela autora (2021)

A análise do quadro 2, tem-se que Quando questionadas sobre conciliar a vida doméstica, mãe e a vida acadêmica a maioria delas relataram que “tentam dar conta”, que a “rotina é muito difícil” expressando que procuram conduzir as atividades do lar e ser mãe, porém a vida acadêmica é deixada de lado pela quantidade de tarefas;

apenas a Amarilis que relatou conduzir bem todas as três atividades, porém, ela é exceção em relação ás colegas, muitas não conseguem conduzir bem todos esses afazeres.

As dificuldades aumentam na conciliação das atividades acadêmicas e o papel de mãe, todas relataram muitos empecilhos nesta questão umas relatam que era pouco o tempo para estudar e cuidar dos filhos, outra que o tempo era bastante reduzido, porém mesmo com a dificuldade ainda conseguia conciliar, além de fazer as atividades acadêmicas, outra não consegue participar dos eventos acadêmicos dentro da Universidade. Uma das entrevistadas relata que além da falta de tempo e apoio para cuidar dos filhos havia o cansaço físico e mental para chegar em casa e ainda estudar.

Os relatos das colaboradoras expressam os dilemas vivenciados pelas mulheres, conforme a análise de autores como Aguiar; Paz e Reis (2019), que enfatizam o predomínio das obrigações domésticas sobre as atividades relativas aos estudos por conta da secular divisão de gêneros que atribui à mulher as obrigações domésticas e cuidar dos filhos, facultando aos homens esse conjunto de tarefas tão desgastantes, causando muitas frustrações às mulheres que buscam estudar, procurando conciliar esses dois mundos.

Como discutido por Roudinesco e Plon (1998), esses fatos que perpassam a vida das mulheres tem raízes no patriarcado, uma espécie de sistema que ainda apresenta suas marcas na sociedade contemporânea, que atribui aos homens direitos sobre as coisas e os próprios indivíduos, estando as mulheres submetidas aos seus ditames. Como ressalta Pombo (2018) desprender-se dessa teia simbólica tem sido um dos grandes desafios das mulheres nos decorrer dos séculos.

Quando questionadas se houve empecilho em ser mãe e a continuidade dos estudos apenas uma delas, Azaléia citou que isso não foi uma dificuldade, mas as demais citaram que sim, uma teve que trancar o curso por dois anos, o que aumentou o tempo em que iria se formar, teve que mudar de turma, passar por momentos de turbulências sem saber se voltaria, fora que a sensação de incompletude, já que estava entre o curso que almejava, seus filhos.

Portanto, as dificuldades de alguma forma se fez presente na vida dessas mulheres, vê-se que a maior delas sem dúvidas foi correlacionar a vida de mãe e academia, o que entre um e outro acabam optando pela maternidade no primeiro momento e quando estão mais “tranquilas” retornam a vida acadêmica. Essas

dificuldades provém da não ajuda com os filhos e com a casa, além da falta de apoio das famílias ou do cônjuge.

Como vimos, conforme Pinto (2003), o movimento feminista, uma das expressões dos movimentos sociais no mundo ocidental, tem envidado muitos esforços no sentido de romper com o patriarcalismo numa perspectiva dos direitos equitativos entre os gêneros, no entanto, a cultura de associar à mulher as obrigações domésticas e o cuidar dos filhos, facultando aos homens essa prerrogativa, dificulta à parte significativa das mulheres de realizarem outras atividades para além do universo da casa.

Continuando o percurso de apresentação das categorias de análise dessa pesquisa, conforme Quadro 3, dialogamos com as colaboradoras em relação às estratégias por estas adotadas para enfrentarem as dificuldades vivenciadas para equacionarem a vida doméstica, maternidade e estudos.

Quadro 3 - Estratégias das colaboradoras

Nome Questões	Azaléia	Amarílis	Carmélia	Calêndula
Estratégias utilizadas para superar as dificuldades na formação acadêmica	Procuro encaixar o que é possível fazer (atividades acadêmicas) nos intervalos das outras atividades	Planejo tudo que vou fazer naquele dia, tento manter uma organização das atividades	Não tive dificuldades	Falta de uma rede de apoio para ajudar no cuidar dos filhos
Se conta com ajuda para realizar suas atividades domésticas e cuidar dos filhos	Sempre contei com ajuda da minha mãe com alimentação e o cuidado com meus filhos	Sim, conto com ajuda da minha mãe nas tarefas domésticas, o cuidado com as crianças sempre ficou por minha conta	Ajuda da mãe e do esposo enquanto eu estudava, quando nenhum podia eu levava comigo para a sala de aula	Não
Como concilia as atividades domésticas, acadêmicas cuidar dos filhos quando está em casa	Priorizo tudo que diz respeito aos meus filhos	Utilizo o turno da noite para as atividades acadêmicas	Estudar enquanto a criança dormia	Faço o que dar para fazer naquele dia

Fonte: Dados das entrevistas realizadas pela autora (2021)

Em relação às estratégias utilizadas para superar as dificuldades na formação acadêmica, apenas uma colaboradora relatou que não teve dificuldades, as demais aduziram que procuraram manter certa disciplina e planejamento, ou encaixar as atividades no intervalo de outras atividades com entre cuidar dos filhos e os afazeres domésticos. Já calêndula queixa-se da falta de uma rede de apoio

Sobre ter ajuda para lidar com os filhos e as atividade do lar, uma disse não ter ajuda, e três, das quatro colaboradoras contava com a ajuda materna, dentre estas uma contava também com a ajuda do marido nesses momentos, e quando nenhum desses era possível auxiliá-la levava o filho para a Universidade, prática essa que é muito mais comum do que imaginado: em muitos casos os alunos e professores apoiam e acabam ajudando direta ou indiretamente essa mulher.

É interessante observar que Carmélia considera “ajuda” o fato do esposo assumir tarefas domésticas ou cuidar dos filhos, o que expressa o quanto ainda é forte a cultura de que ao homem não cabe esse tipo de tarefa, portanto não é considerada uma obrigação, e sim, “ajuda”.

No questionamento sobre como elas fizeram para conciliar as questões domésticas, cuidar dos filhos e realizar as atividades acadêmicas quando se encontra no contexto dos seus lares em unanimidade elas priorizam os filhos, fazendo as atividades na parte da noite, quando as crianças dormiam ou simplesmente faziam o que dava para fazer naquele dia. Poderia ocorrer de estudarem bem no pouco tempo que restavam ou estavam tão cansadas que faziam o que podiam e não rendiam tão bem. A realidade delas é o que é vivido pelas mães que possuem filhos independente se possuem ajuda ou não, pois a preocupação com os filhos é constante.

Yannoulas (2013) denomina de “paradigma de discriminação”, essa realidade, também aqui constatada, das mulheres mães e donas de casa marcada por fortes dificuldades que expressam as desigualdades de gênero, na trajetória de sua formação profissional. Esse conjunto de desafios as levam cotidianamente a traçarem estratégias para realizarem as exigências relativas à casa, filhos e formação profissional.

A autora supracitada observa, ainda, sobre a incapacidade das políticas educacionais para construírem mecanismos que alcancem diretamente a vida de mulheres universitárias. Esse fato também é confirmado ao tratarmos da terceira categoria de análise dos dados dessa pesquisa: a assistência estudantil voltada para as discentes mães, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 - Assistência Estudantil

Nome Questões	Azaléia	Amarílis	Carmelia	Calêndula
Benefícios da política estudantil para a estudante mãe	Não e desconheço que exista algo nesse sentido	Não, nenhuma, e senti falta na minha condição de mãe solteira	Não	Acredito que nem existe um benefício para uma estudante-mãe. Nunca soube nem de algo parecido
Sobre o fato da UESPI proporcionar políticas	Sim	Com certeza penso que a mãe e estudante se sentiria mais acolhida no âmbito da universidade	Sim e acredito que isso ajudaria a diminuir as desistências dos cursos	Seria de grande importância ter alguma assistência
Os tipos de assistência que a UESPI poderia oferecer	Oficinas profissionalizantes, creches e bolsas remuneradas específicas para as que necessitassem	Primeiramente um berçário ou um lugar dentro da universidade em que poderíamos deixar nossos filhos enquanto estudamos	Soube na minha época que a brinquedoteca seria improvisada para receber os filhos de estudantes enquanto as mesmas estariam em sala de aula mas a ideia não se concretizou	Uma creche dentro do campus seria uma alternativa para as estudantes mães

Fonte: Dados das entrevistas realizadas pela autora (2021)

Sobre a política de Assistência Estudantil, foi questionado se foram beneficiadas e se tem conhecimento de algum benefício da política estudantil para a estudante mãe, e todas em unanimidade informaram que nunca se beneficiaram e nem sabem se isso realmente existe na Universidade Estadual do Piauí. Amarílis relata que sentiu falta na sua condição de mãe solteira.

Sobre o fato da UESPI vir a proporcionar políticas voltadas para as estudantes mães, todas concordam que seria de grande valia terem essa ajuda por parte da instituição e, consequentemente, o desempenho educacional das estudantes seria o melhor possível, além de frisarem que essa acadêmica/mãe sentir-se-ia mais bem acolhida pela universidade.

Por último, elas foram questionadas sobre os tipos de assistência que a UESPI poderia proporcionar, todas primeiramente citaram um berçário/creche/brinquedoteca, enfim, um local que pudessem deixar seus filhos quando estivessem em sala de aula, além de oficinas profissionalizantes, bolsas remuneradas. São passos que beneficiariam tanto a instituição como as mães.

No que tange à Assistência Estudantil na UESPI, conforme informação da Direção de Assistência aos Alunos e Graduados (DAA), consiste na oferta dos programas de apoio pedagógico ao aluno com deficiência, auxílio alimentação, auxílio moradia e bolsa trabalho. A assistência estudantil não dispõe de um programa especial para alunas mães.

Conforme as referências consultadas nesse trabalho que abordam sobre as políticas voltadas para a assistência estudantil estas consideram a inclusão de estudantes, visto as gritantes desigualdades socioeconômicas, havendo, inclusive na LDB subsídios para ações voltadas para o acesso e permanência de mulheres nas universidades (SILVA; BARBOSA, 2018; SILVEIRA, 2012). No entanto, salvo essa projeção de possíveis políticas, estas ainda não se configuraram nas ações da maioria das IES, deixando descoberta uma parcela significativa da sociedade que são as mulheres e mães.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o estudo realizado sobre a temática da estudante mãe, foi possível perceber que houve uma evolução significativa no tocante à questão da visibilidade da mulher como pessoa de direitos legalmente constituídos, apesar da mesma ter vivido por muito tempo sob a dominação masculina e machista.

Nessa pesquisa ficou evidenciado que, embora de forma lenta, a mulher saiu da condição única de geradora de filhos e da prática de trabalhos doméstico para a conquista gradativa do seu espaço na sociedade e a partir disso, buscou adentrar os espaços das universidades: hoje elas são notadamente em maior número em relação aos homens nas instituições de ensino superior.

Nesse sentido a finalidade deste trabalho foi compreender como as (mães e donas de casa) fazem diante das dificuldades para garantir sua formação universitária tendo de conciliar a vida doméstica, acadêmica e ser mãe ao mesmo tempo, sabendo-se que essa é uma jornada sobrecarregada. Como ficou evidenciado nas colocações das colaboradoras da pesquisa, conciliar essas três dimensões de suas vidas se coloca como seu principal desafio/problema; elas chegam ao final do dia com uma carga excessiva de estresse.

Durante a realização dessa pesquisa, deparou-se com alguns imprevistos e obstáculos para coleta de dados a partir da entrevista com as interlocutoras, levando -se em conta o atual contexto de pandemia no qual as pessoas se encontram mais resguardadas em seus lares, muitas vezes não atendiam ao pedido para a entrevista, algumas até chegaram a desistir por alegarem não estarem preparadas psicologicamente.

Mesmo diante desses empecilhos foi possível constatar o interesse de outras no sentido de contribuir com a pesquisa por entenderem a importância do estudo para a comunidade acadêmica bem como em benefício do público alvo.

Com isso foi possível analisar, a partir do relato das entrevistadas, suas maiores dificuldades e anseios para garantir a realização da tão sonhada formação universitária. Constatou-se ainda suas perspectivas com relação à oferta de políticas estudantis voltadas ao atendimento à elas nas universidades, principalmente aquelas de acolhimento aos seus filhos pequenos durante o período que as mesmas permanecessem em sala de aula.

Assim, essa temática além de procurar compreender os desafios e estratégias das interlocutoras no enfrentamento das dificuldades durante sua formação

acadêmica, se volta ainda em busca de uma ótica mais apurada das políticas de assistência estudantil, bem como no sentido de promover ações direcionadas a estudantes com o perfil mencionado anteriormente e assim garantir sua permanência e integralização da formação superior, evitando dessa forma percentuais exorbitantes de evasão nas universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. **Brasiliense**, 2017. Disponível em:<https://www.travessa.com.br/o-que-e-feminismo-1-ed-2005/artigo/8199c573-ecd8-4d33-a5e1-f915d4df80a4>. Acesso em: 05 abr. de 2010

AQUINO, Felipe. Para entender A Inquisição. **Lorena: Cléofas**, 304p. 2009. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/1ve8x5>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BADINTER, Elisabeth. Um é o outro. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1986. Disponível em:<https://www.passeidireto.com/arquivo/24161475/badinter-elisabeth-um-e-o-outro>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira. Tempos e Memórias do Feminismo no Brasil. Brasília: **Secretaria de Políticas para as Mulheres**, 2010. Disponível em: http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/TemposeMemorias_MovimentoFeministanoBrasil_2010.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario Bibliographic Brasileiro. Vol. 5. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Cultura**. Rio de Janeiro. 1970. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BARROS, Josiane F. Formação Docente Continuada em Unidade Universitária Federal de Educação Infantil: concepções, desafios e potencialidades na UUFEI - Creche UFF. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. **Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, Ana Alice de Alcântara e SARDENBERG, Cecília Maria B. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Maria Luiza e BINGEMER, Maria Clara (org). Mulher e Relações de gênero. São Paulo: **Loyola**. 1994. Disponível em:https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-dasmulheres/artigosesesdissertacoes/teorias_explicativas_da_violencia_contra_mulheres/o_movimento_feminista_no_brasil.pdf. Acesso em: 06 abr. 2021.

COSTA, Ana Alice de Alcântara. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Gênero**, v.5, n.2, p.9-35, Niterói, 2005. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-dasmulheres/artigosesesdissertacoes/teorias_explicativas_da_violencia_contra_mulheres/o_movimento_feminista_no_brasil.pdf. Acesso em: 06 abr. 2021.

DESCARRIES, Francine. “Um feminismo em múltiplas vozes, um movimento em atos: os feminismos no Québec”. In: **Labrys, estudos feministas**. Brasília: UnB, número 1-2, julho/dezembro, 2002. Disponível em:https://www.academia.edu/10092800/Os_movimentos_feministas_e_a_constru%C3%A7%C3%A3o_de_espa%C3%A7os_institucionais_para_a_garantia_dos_direitos_das_mulheres_no_Brasil. Acesso em: 05 abr. 2021.

FERREIRA, Aline G. Inquisição católica: em busca de uma desmistificação da atuação do santo ofício. **Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais** – Salvador. Agosto, 2011. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2012/01/Aline-Ferreira.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. História, Ciências, Saúde. Rio de Janeiro: Ática: 2018.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura. **Editora Universitária da UFPE**, Pernambuco, v. 3, p. 528, 2017. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39938/950195/E-book+A+ARTE+DE+CURAR.pdf/79de256e-161d-4fb1-bf4e-e802193f223a>. Acesso em: 26 mai. 2021.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, jul./ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

POMBO, Mariana. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro , v. 30, n. 3, p. 447-470, dez. 2018 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 ago. 2021.

SILVA, Carmen; CAMURÇA, Silvia. Feminismo e movimento de mulheres. Recife: **SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia**, 2010. Disponível em: <https://soscorpo.org/wp-content/uploads/Feminismo-e-Movimento-de-Mulheres-2013-2a-edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

SILVEIRA, Míriam Moreira da. A Assistência Estudantil no Ensino Superior: uma análise sobre as políticas de permanência das universidades federais brasileiras. **Fundação Perseu Abramo**, São Paulo, 2012.

SOUTO MAIOR, Valéria A. A Intuição Feminina do agit-prop no teatro brasileiro em fins do século XIX. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 5, nº3. Rio de Janeiro. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18525>. Acesso em: 02 abr. 2021.

STEARNS, Peter. História das relações de gênero. São Paulo: **Contexto**, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/projetos/coisasdogenero/ressuellen.pdf>. Acesso em: 06 Abr. 2021.

STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas. **Ilha de Santa Catarina: Mulheres**, 620 p. 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16349/1/LIVRO_EstudosFeministasedeGneroArticula%C3%A7%C3%B5es.pdf Acesso em: 20 abr. 2021.

TEDESCHI, Losandro Antônio. História das mulheres e as representações do feminismo. 264 **REVISTA DA ESMESC**, v.25, n.31, p. 239-264 , 2018 nino. *Apud* Campinas: Curt Nimuendajú, 2008 *apud* FARIAS, Marcilene Nascimento de. A história das mulheres e as representações do feminino na história. **Estudos Feministas**. Florianópolis. Set./Dez. 2009. Disponível em:<https://revista.esmesc.org.br/re/article/download/191/165>. Acesso em: 03 abr. 2021

YANNOULAS, S. Mulheres e Ciência. **Série Anis** nº 47, Letras Livres, pp. 1-10. Recuperado em 20 de junho, 2013. Acesso em 27/11/2019. Disponível em: http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa47_yannoulas_mulheresciencia.pdf.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS COLABORADORAS

I - IDENTIFICAÇÃO DAS COLABORADORAS

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Você tem filhos? se sim, quantos?
4. Qual seu curso?
5. Qual o campus?
6. Qual o turno do seu curso?
7. Qual a sua profissão?
8. Estado civil?

II – DIFICULDADES ENFRENTADAS PARA CONTINUIDADE/CONCLUSÃO DOS ESTUDOS (ROTINA)

9. Descreva sua rotina enfatizando suas responsabilidades domésticas, maternas e estudantis.
10. Quais as maiores dificuldades que você enfrentou na vida universitária, considerando sua condição de mãe? explique.
11. Em algum momento a sua condição de mãe foi motivo de empecilho para a continuidade de seus estudos? explique.

III- ESTRATÉGIAS PARA CONCILIAR A VIDA ACADÊMICA À VIDA DOMÉSTICA

12. Cite algumas estratégias que você utilizou para superar as possíveis dificuldades durante sua formação acadêmica.
13. Você conta com a ajuda de alguém para realizar as atividades domésticas e cuidar de seus filhos, especialmente quando se ausenta para as aulas? explique.
14. Como você faz para conciliar as questões domésticas, cuidar dos filhos e realizar as atividades acadêmicas quando se encontra no contexto de sua casa? explique.

IV - ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL VOLTADA PARA A ESTUDANTE MÃE

15. Você foi beneficiada com alguma política de assistência estudantil realizada pela UESPI, voltada para a condição de estudante mãe? explique.
16. Você considera que a universidade deveria realizar políticas de assistência estudantil direcionada para as estudantes mães? explique.
17. Na sua opinião, que tipo de assistência estudantil a UESPI poderia oferecer para as estudantes que são mães?

APÊNDICE B – RESPOSTAS DAS COLABORADORAS RELATIVAS À SUA IDENTIFICAÇÃO

Nome: Azaléia

Idade:41 anos

Número de Filhos: 2 filhos (14 anos e 20 anos)

Profissão: Agente Comunitária de Saúde desde de 2001

Estado Civil: “separada” (ainda não legalizou o divórcio)

Curso: Bacharelado em Biblioteconomia,5 bloco

Turno: tarde

Campus: Poeta Torquato Neto

Nome: Amarílis

Idade:32 anos

Filhos: 2(3 anos e 9 anos)

Curso: Licenciatura Plena em Pedagogia, 7º bloco.

Campus: Poeta Torquato Neto,7 bloco.

Turno: tarde.

Profissão: estudante, no momento não está trabalhando, algumas vezes faz trabalhos artesanais com caixas e mimos para casamento e aniversário, conforme pedidos.

Estado Civil: Solteira

Nome: Carmelia

Idade: 34 anos.

Filhos: 2 filhas 14 e uma de 2 anos.

Curso: Licenciatura Plena em Pedagogia

Campus: Poeta Torquato Neto.

Turno: Iniciou no turno da noite e no final foi para o turno da tarde.

Profissão: Auxiliar Administrativa

Estado Civil: Casada

Nome: Calêndula

Idade: 32 anos

Filhos: 2

Curso: Biblioteconomia, formada desde 2017

Campus: Poeta Torquato Neto

Turno: Tarde

Profissão: Trabalha em um sistema penitenciário

Estado Civil: Casada